

Apresentação

Através da actividade e da representação, entrelaçam os grupos e as sociedades a sua própria história. As representações são produzidas para se alargar o espaço e se dar sentido à existência. Servem também ao homem para recordar, forma que tem para manter e transmitir a memória colectiva. O conhecimento do passado condiciona ou determina, à sua medida, a experiência do presente. As imagens ou representações que se fazem possuem ainda a capacidade de legitimação da ordem existente.

Todos os inícios constituem um elemento forte de recordação. Eles formam um sedimento histórico base de posteriores desenvolvimentos. O esquecimento forçado aparece somente quando se pretende introduzir uma nova ordem. O ponto de partida assume sempre um carácter de padrão de memória. Amputar aos grupos e às sociedades a memória é não só impedi-los de recordar como ainda destruir a sua consciência de identidade, em obediência a um qualquer objectivo de submissão. Os estados de amnésia individual e colectiva são favoráveis a projectos de servidão mental e social.

Não existe memória sem o sentido da relação com o outro. As pessoas não recordam em isolamento, muito menos na solidão, mas em comum. A recordação é o resultado de uma actividade colectiva. As sociedades produzem padrões específicos de recordação. Se se deseja que os espaços sociais sejam sujeitos a um processo de esquecimento compulsivo, em ordem a uma total integração num outro espaço, procede-se em simultâneo à substituição daqueles padrões, ao esvaziamento do conteúdo da memória própria das identidades e ao alastramento do processo de massificação.

Se a memória social se revela omnipresente na vida quotidiana, normalmente sob a forma de memória-hábito, actua, em particular, nos momentos em que conscientemente se quer recordar. Configura, desde

então, de forma mais viva a ideia que um grupo faz de si próprio. E a ideia que se faz é indissociável das convenções que se tornam dominantes e do sentido que se imprime à acção. Os indivíduos são dotados de quadros-memória, capazes de localizar as memórias individuais. Os grupos fornecem os espaços materiais e mentais no interior dos quais faz sentido recordar. Assim se torna possível a recordação em conjunto. Ela conserva também algo de ritual, aumentando a capacidade de conferir valor e sentido.

A memória colectiva tem, nessa medida, tendência para a celebração da ocorrência, conferindo particular relevância ao tempo. Mas, enquanto o tempo ritual é igual a si mesmo, indefinidamente repetível, os tempos do quotidiano são qualitativamente diferentes, porque tempos de contínua produção. Na celebração da ocorrência, reencenam-se os factos acontecidos, em sua permanente actualização. Com o tempo, a memória sedimenta-se em comemorações sucessivas.

Dez anos na vida de uma instituição é certamente um tempo demasiado curto para ser recordado. Em 1985/86, aparece na Universidade do Porto, na sua Faculdade de Letras, o Curso de Sociologia. Trata-se da primeira licenciatura em Sociologia criada, se não fora de Lisboa, porque havia sido já instituída em Évora, ao menos em toda a região norte e centro do país. Cinco anos mais tarde, em 1991, é lançada a Série de Sociologia da Revista da Faculdade de Letras.

A celebração dos 25 anos, distante ainda no tempo, espera-se aconteça em outro contexto. Até lá, fazendo caminho e recordando, o esforço será o de criar memória, enquanto actividade de quem quer estar atento e aberto às solicitações internas e externas que venham ao encontro da permanente exigência de produção de conhecimento ao serviço de uma sociedade em mudança. Outro não parece deva ser o sentido da recordação.